



HÁ LUGAR PARA A HOMOSSEXUALIDADE NUM “REGIME DE ÍNDIO”?

Paulo de Tássio Borges da Silva¹

Resumo: A etnologia indígena brasileira pouco tem produzido acerca da homossexualidade, sendo este um tema ainda velado nos relatos etnográficos de grande parte dos indigenistas. Neste sentido, em meio a etnografias desenvolvidas a partir de 2006 até a presente data com o Povo Pataxó (sobretudo do Território Indígena Kaí-Pequi) se pretende manter um diálogo articulando a homossexualidade com a etnicidade. O trabalho busca ainda, a construção de uma análise acerca da homossexualidade, tendo o “regime de índio” como o espaço de interculturalidade onde são tecidas as representações e os discursos acerca da homossexualidade. Nesta esteira de discussão se coloca como reflexão: há lugar para a homossexualidade num “regime de índios”? Qual o jogo de negociação observado na afirmação étnica Pataxó? É possível pensar um construção cultural Pataxó para além das internalizações sexistas e homofóbicas?

Palavras-chave: Etnicidade; Homossexualidade; Regime de Índio; Construção Cultural

Considerações Iniciais

A pouca produção acerca da homossexualidade na etnologia indígena me levou a tecer este artigo, partindo de experiências etnográficas com o Povo Pataxó². Minha aproximação com este grupo étnico inicia-se no projeto de extensão “A Academia vai à Aldeia: um projeto de intercâmbio intercultural entre os (as) estudantes da UNEB e o Povo Pataxó” em 2006 até o ano de 2011, vindo culminar no Trabalho de Conclusão de Curso- TCC intitulado “A Educação Escolar Indígena no Processo de Revitalização Cultural na Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê” em 2009.

¹ Mestrando em Educação no Núcleo de Pós-Graduação em Educação – NPGED da Universidade Federal de Sergipe- UFS na linha de pesquisa “Formação de Professores: saberes e competências”. E-mail: paulodetassiosilva@yahoo.com.br

² O emprego da categoria povo ao tratar de indígenas é reconhecido pela Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), ratificada no Brasil em 1993, admitindo o direito de autodeterminação cultural e étnica nos marcos do Estado brasileiro.

Nesta esteira de formação como pesquisador indigenista há de se mencionar ainda minha participação como membro do grupo de pesquisa “Educação e Relações Étnicas: saberes e práticas de legado africano e indígenas” no Órgão de Educação e Relações Étnicas com Ênfase em Culturas Afro-brasileiras e Indígenas- ODEERE da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB/CNPQ e no “Núcleo de Pesquisa em Educação, Educação Escolar Indígena e Interculturalidade: experiências entre os povos indígenas Tupinambá, Pataxó e Pataxó Hã Hã Hãe” da UESB/CNPQ.

Como profissional vale ressaltar meus trabalhos de pesquisa no projeto “Pesquisa Intercultural e Interinstitucional para o Desenvolvimento e Sistematização de Processos e Produtos Educativos Experimentados na Disseminação do Conhecimento Agroecológico com as Populações Tradicionais dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, nos estados de Minas Gerais e Bahia”, desenvolvido nos anos de 2010 e 2011, projeto este de parceria interinstitucional da Universidade do Estado da Bahia- UNEB e a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri- UFVJM, com financiamento do CNPQ; e o projeto “PUTXOP: Pesquisa Intercultural dos Processos-Produtos Educativos Experimentados na Disseminação do Conhecimento Agroecológico e na Revitalização da Etnoeconomia e da Cultura Alimentar Pataxó” no período de 2010 e 2011. Além destes vínculos, parto de minha experiência na organização e assessoria de jornadas pedagógicas indígenas com o Povo Pataxó pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, apoio técnico pedagógico no curso de Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena- LICEEI da UNEB, e na supervisão de estágio e orientação de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC no Magistério Indígena, Nível Médio pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia.

Neste sentido, é a partir deste itinerário de formação que estarei falando, com o objetivo de se manter um diálogo entre homossexualidade e etnicidade, analisando a homossexualidade tendo o “regime de índio” como espaço de interculturalidade onde são tecidas as representações e discursos acerca da homossexualidade.

Como aporte teórico se estará dialogando com o conceito de “Regime de Índio”, este entendido como a capacidade de atualizar práticas tradicionais na interação em diferentes arenas culturais, possibilitando uma certa legitimidade étnica (GRÜNEWALD, 1999).

Acerca do conceito de interculturalidade o trabalho apoia-se na perspectiva de Candau (2000) e Fleuri (2000). Na esteira de diálogo deste conceito o mesmo remete a um diálogo relacional entre diferentes culturas, em que,

[...] o prefixo inter indica uma relação entre vários elementos diferentes: marca uma reciprocidade (interação, intercâmbio, ruptura do isolamento) e, ao mesmo tempo, uma separação ou disjuntiva (interdição, interposição, diferença). Este prefixo não corresponde a um 'mero indicador retórico, mas se refere a um processo dinâmico marcado pela reciprocidade de perspectivas' (SEDANO Apud CANDAU, 2000, p. 55).

Para Fleuri (2000),

[...] a relação intercultural indica uma situação em que pessoas de culturas diferentes interagem, ou uma atividade em que requer tal interação. A ênfase na relação intencional entre sujeitos de diferentes culturas constitui o traço característico da relação intercultural (FLEURI, 2000, p. 75).

Ainda dialogando com Candau (2000) e Fleuri (2000), podemos refletir a interculturalidade como locus de negociação, conflito, legitimação, estratégias e táticas. Sendo estratégias e táticas aqui pensadas num enfoque Certeauiano. Para Certeau (1994) as estratégias seriam as manipulações das relações de força no momento em que os sujeitos de querer e poder podem ser isolados, sendo estes sujeitos, empresas, exércitos, cidades e/ou instituições científicas dominadores diante de uma relação hierárquica. “A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio a ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças” (CERTEAU, 1994, p. 99). Já o conceituando tática, Certeau (1994) a coloca como uma ação calculada do dominado, “[...] é o movimento dentro do campo de visão do inimigo [...] e no espaço por ele controlado, que não tem a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável” (CERTEAU, 1994, p. 100).

Parto dos conceitos de interculturalidade acima para ir na contramão do que afirmam negativamente o evolucionismo cultural norte- americano e o estruturalismo francês acerca dos Povos Indígenas do Nordeste, sendo estes considerados “aculturados” em processo de perda das suas identidades étnicas. Para tanto, neste ponto de discussão

as análises de “estratégias” e “táticas” de Michel de Certeau (1994) podem contribuir em nossa reflexão avaliando o jogo de negociação entre a sociedade não-indígena e os indígenas no “regime de índio”.

Para maior esclarecimento se fará aqui necessário uma breve abordagem histórico- antropológica do grupo étnico Pataxó, sobretudo do Território Indígena Kaí-Pequi, que motivou as reflexões e a escrita deste texto.

Uma Reflexão Histórico- Antropológica sobre os Pataxó

Os Pataxó do Território Indígena Kaí- Pequi são índios Sul Americanos, brasileiros, conhecidos como Pataxó Meridionais, diferentes dos Pataxó Setentrionais, chamados de Pataxó Hã Hã Hãe. Do ponto de vista antropológico, pertencem ao tronco linguístico Macro-Jê e à grande família Maxakali. Os primeiros relatos sobre o Povo Pataxó vêm de 1577, quando ocorre a entrada de Salvador Correia de Sá, encontrando parentes Aimoré nas imediações do Rio Doce, e outras nações onde o mesmo cita como *Patachos, Tapuias, Apuris e Puris* (EMMERICH & MONSERRAT, 1975, p. 05). Mas tarde em 1816, o viajante Wied Newvied, relata a presença Pataxó na Vila do Prado fazendo escambo de bolas de ceras com outros produtos.

O Território Kaí- Pequi se encontra em fase de estudo. Algumas famílias são oriundas da “Diáspora Pataxó de 1951” e outras da própria Vila de Cumuruxatiba, local sempre habitado pelos Pataxó, Tupinikim e outras etnias. Acerca da presença Pataxó na Vila do Prado pode ser evidenciada na carta de Carlos Fraser, proprietário de uma Fazenda Caledônia, na Vila do Prado que relata em 1811 ao governador da Capitania da Bahia a presença Pataxó em sua fazenda.

E com ânimo de estimular-lhes a sair do mato em maior número eu lhes respondi com toda demonstração de amizade possível com gente de cuja língua nenhuma palavra entendia, pois eram da nação Pataxó, que é a mais numerosa e guerreira de todo o Brasil, depois dos Botocudos (FRASER, 1811).

O Povo Pataxó do Território Kaí-Pequi vive imemorialmente numa região (Cumuruxatiba, Corumbau e Caraívas) que conseguiu até certo ponto lhe dar uma proteção, uma região geograficamente estratégica que se tornou um refúgio aos massacres a que foram submetidos até meados dos anos 70. Atualmente Cumuruxatiba, Corumbau e Caraívas se apresentam como grandes polos de desenvolvimento turístico,

atraindo redes de hotéis e *resorts*, que nem sempre caminham com a qualidade e melhoria de vida para as populações nativas do lugar. Pelo contrário, tais empreendimentos não raro, vêm contribuindo para pressioná-los ainda mais aos processos integradores. No Território estão localizadas as aldeias: Tiba, Pequi, Matwrêbá, Kaí, Alegria Nova, Monte Dourado, Craveiro, Tawá, Corumbalzinho, Águas Belas, Aldeia Nova e a Aldeia Urbana Cumuru Pataxó recém reivindicada pelos (as) Pataxó que vivem na Vila de Cumuru. Onde convivem neste espaço com os impactos da especulação turística da região, os conflitos com a Unidade de Conservação (UC) do Parque Nacional do Descobrimento (PND) e fazendeiros.

Homossexualidade e Etnicidade

Ao escrever sobre perversão no livro “Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem” Bronislaw Malinowski (1973) fala de sua experiência nas Trobriand, lamentando não ter sido possível estudar o assunto com detalhes. Segundo o mesmo “a homossexualidade é conhecida como existente em outras tribos, sendo considerada uma prática asquerosa e ridícula. Apareceu nas Trobriand somente com a influência dos brancos, mas especialmente da moralidade dos homens brancos” (MALINOWSKI, 1973, p. 84). Neste sentido, Malinowski (1973) coloca a homossexualidade como sendo uma característica dos não-indígenas remetendo a moralidade destes, no caso das Trobriand teria aparecido por conta de missão onde ficaram isolados rapazes e moças e desta forma “[...] tiveram que valer-se a si mesmos da melhor maneira que puderam, uma vez que aquilo que qualquer habitante das ilhas considerava como sendo justo e natural lhes era negado” (MALINOWSKI, 1973, p. 85). Para não se fazer uma abordagem anacrônica, é preciso levar-se em conta que o texto de Malinowski foi escrito em 1927 durante sua experiência com os Trobriandeses³. Nesta esteira de análise é necessário localizar na época o campo de representações acerca da homossexualidade.

Ainda refletindo sobre os apontamentos Malinowskianos o mesmo nos apresenta na mesma obra o conceito de “plasticidade dos instintos”. Segundo Malinowski (1973),

³Os Trobriandeses são nativos das ilhas Trobriand, na costa oriental da Nova Guiné, região banhada pelo Oceano Pacífico. A principal ilha do arquipélago de 440 Km² é Kiriwina. Malinowski residiu por muitos anos entre os trobriandeses, objeto de seu estudo publicado no livro “Argonautas do Pacífico Ocidental”.

Em vez dos determinantes instintivos exatos temos elementos culturais que modelam as tendências inatas. Tudo isto implica uma profunda modificação na redação entre instinto e processo fisiológico e a modificação de que são capazes. Denominamos esta alteração “plasticidade dos instintos” [...] Essa plasticidade está associada com a efetiva determinação do comportamento sexual por elementos culturais. O homem é dotado de tendências sexuais, mas estas tem de ser moldadas além disso por sistemas de regras culturais, que variam de uma sociedade para outra (MALINOWSKI, 1973, p. 169, 189).

É na cultura que a sexualidade é moldada de acordo com as suas cosmologias, regras, pactos sociais, dentre outras convenções. É a cultura a responsável pela modelagem dos corpos e das sexualidades, legitimando quais as identidades sexuais devem ser aceitas e determinando aquelas que passam a ser marginalizadas.

Mott (1998) em seus estudos etno- históricos sobre a América Pré- Colombiana nos mostra a diversidade sexual presente entre os Maias que “[...] prestavam culto ao amor unissexual” (MOTT, 1998, p. 3), sendo que na América do Sul “[...] região dos Andes, foram encontradas provas arqueológicas confirmando a prática do homoerotismo antes da chegada dos europeus. Há notícia que os espanhóis teriam igualmente no Peru encontrado e derretido esculturas em ouro representando cópula anal entre dois homens (MOTT, 1998, p. 4).

Se referindo aos Povos Indígenas brasileiros Mott (1998) diz que “entre os Tupinambá que ocupavam a maior parte da costa brasileira, os índios gays eram chamados de Tibira, e as lésbicas de caçoaimbeguirá” (MOTT, 1998, p. 14). Quanto aos Guaicuru, etnia pertencente à nação Guarani e residentes às margens do Rio Paraguai, encontravam-se no século XVIII índios que se travestiam-se como segue relato abaixo:

Entre os Guaicurus e Xamicós, há alguns homens a que estimam e são estimados, a que se chamam **cludinhos**, os quais lhe servem como mulheres, principalmente em suas longas digressões. Estes **cludinhos** ou nefandos demônios, vestem-se e se enfeitam como mulheres, falam como elas, fazem só os mesmos trabalhos que elas fazem, trazem **jalatas**, urinam agaxados, têm marido que zelam muito e tem constantemente nos braços, prezam muito que os homens os namorem e uma vez cada mês, afetam o ridículo fingimento de se suporem menstruadas, não comendo mulheres naquela crise, nem peixe nem carne, mas sim de algum fruto

e palmito, indo todos os dias, como elas praticam, ao rio, com uma cuia para se lavarem (MOTT, 1998, p. 16, negritos do original).⁴

Trevisan (1986), fazendo algumas considerações sobre o Povo Krahó, pertencente ao Tronco Linguístico Macro- Jê e à família Jê, no Estado do Tocantins, aponta que homens solteiros e casados desta etnia realizam práticas homoeróticas. Para Trevisan (1986), há a “[...] crença de que, no Brasil, os índios contraem gripe, doenças venéreas e homossexualismo no contato com os brancos” (TREVISAN, 1986, p. 96), conforme o pensamento Malinowskiano ao analisar a homossexualidade com os Trobriandeses.

Em análises acerca da homossexualidade desenvolvidas no projeto “Sexualidade e conjugabilidade entre pessoas do mesmo sexo na aldeia e na cidade”, nas aldeias Japirú e Bororó no Mato Grosso do Sul, Cancela, Silveira e Machado (2010, p. 205-209) observam que ao chegar a campo muitas pessoas foram citadas como homossexuais, contudo ao conversar com estas pessoas citadas, as mesmas não se identificavam como tal, afirmando que ouviam dizer que havia na aldeia, chegando a conclusão da existência de “[...] jogo de (in) visibilidade existente nas aldeias e a percepção de que estes envolvimento estavam marcados por tensões” (CANCELA; SILVEIRA; MACHADO, 2010, p. 207), bem como piadas.

Os Pataxó e o Regime de Índio: há lugar para a homossexualidade?

Em etnografias construídas com os Pataxó do Território Kaí- Pequi a partir de 2006 até a presente data, como foi elencada algumas vivências acima, nasceu a presente reflexão ao observar os jogos de negociação entre o Povo Pataxó e os não- indígenas. Era comum durante conversas com um ou outro nas aldeias ou na Vila de Cumuruxatiba ouvir dizer que fulano era “gay” e fulana “sapatão”, ou simplesmente “ele fica com homem”, “ela fica com mulher”, ou entre risadas dizer é “*Manãy*”⁵. Contudo, mesmo entre as fofocas e as risadas parecia haver um certo acordo entre o grupo, onde todos sabiam, mas evitavam comentar, sobretudo com os não-indígenas. Acerca da função social da fofoca Barbard & Spancer (1996) fazem as seguintes considerações:

⁴ Apud Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 13, p. 358, 1850; Tomo I, p. 32-33, 1839.

⁵ Expressão em *Patxohã*, (língua Pataxó) para designar homossexual.

[...] a fofoca é o modo pelo qual os indivíduos alinham suas ações: negociam entre si o escopo e a importância de regras culturais e comportamentos sociais os quais eles põem em prática. Fofoca é, em sua essência, um processo meta-cultural: uma atividade pela qual os indivíduos examinam e discutem juntos as regras e as convenções sob as quais eles vivem. Além disso, a partir do momento em que as regras são relativas e ambíguas em sua aplicação, a interpretação nunca é final ou consensual. Por essa razão, a fofoca continuamente desmembra, avalia e reconstitui o mundo todos os dias (BARBARD; SPANCER, 1996, p. 267).

Neste sentido, no jogo de negociação dissimulado a partir da fofoca são veiculados as permissões, os silenciamentos e os interditos dos lugares da homossexualidade dentro do grupo étnico.

Ao acompanhar grupos de Pataxó em eventos e feiras onde os (as) mesmos (as) eram convidados a exporem seus trabalhos, artesanatos e ministrarem oficinas, era constante a pergunta dos não-indígenas acerca do trato à homossexualidade nas aldeias.

A pergunta na maioria dos casos vinha com um aspecto de curiosidade, acompanhada de uma possível explicação para a compreensão da homossexualidade nas sociedades não-indígenas. O primeiro momento reinava-se alguns segundos de silêncios após a pergunta onde os (as) Pataxó se entreolhavam, alguns davam um sorriso para o outro numa espécie de autorização para que o outro respondesse a pergunta. A resposta sempre era a mesma “[...] não tem isso lá não” ou “[...] se tem a gente não sabe”. Numa certa oportunidade ao partilhar uma conversa desta, após a saída do interlocutor que fez a pergunta indaguei dois Pataxó e perguntei por que tinham dito que não havia homossexuais entre eles, uma vez que eu e eles tínhamos conhecimento de algumas pessoas, a resposta foi a seguinte: “[...] estas coisas a gente deixa entre nós”.

Acompanhando a conversa também havia uma Pataxó que também observava como se dava o diálogo entre os seus “parentes” e o grupo de não-indígenas. Logo depois presenciei uma conversa da mesma com os dois Pataxó onde ela dizia “[...] que mulher besta, tanta coisa pra perguntar e ela fica perguntando estas coisas, tinha que falar que tem sim, onde é que não tem? Isto existe é em todo lugar”.

Pode-se observar neste sentido, que a homossexualidade é negociada e velada diante do não-indígena, imperando o que Grunewald (1999) chama de “regime de índio”. Nesta perspectiva é preciso dizer o que o outro deseja ouvir, no campo de suas

representações do que é ser índio. Acerca deste ponto voltamos a Trevisan (1986) na ideia que a homossexualidade seria adquirida pelo contato com o não-índigena. Neste mesmo itinerário de reflexão, existir homossexualidade em determinado grupo étnico, seria dizer que este estabelece contato com a sociedade não-índigena, o que do ponto de vista de uma abordagem cultural essencialista de uma cultura fixa diminuiria a identidade étnica deste.

Na incorporação desta análise apontada por Trevisan (1986) observei que na Vila de Cumuruxatiba a presença dos (as) Pataxó que são reconhecidos por práticas homoafetivas é mais frequente, ficando estes mais na Vila, indo para a aldeia apenas em ocasiões especiais, ou em visitas às famílias. Sendo possível ouvir falas como “[...] ele é, mas fica mais na cidade”. Acerca da presença destes na cidade não procurei investigar para saber qual foi a condição de se estar na cidade, se foi por vontade própria, ou por pressão da família e da comunidade.

Considerações de Análise

Voltando as questões que nortearam este trabalho é possível perceber que não há lugar para a homossexualidade indígena num “regime de índio”, uma vez que este se estabelece numa relação de poder em que o “dominador” estabelece uma tipologia ideal de indianidade, tendo o “dominado” que se adequar a esta na possibilidade de acessos que este pode proporcionar (políticas públicas, programas, dentre outros).

Contudo, é possível se pensar relações que proporcionem uma construção cultural Pataxó que vá além das internalizações sexistas e homofóbicas presentes e legitimadas no “regime de índio”. Para tanto, faz-se necessário a desconstrução deste bloco de indianidade homogêneo, levando-se em conta as particularidades de cada etnia, suas cosmologias e interculturalidades dentre deste tecido cultural enviesado no cotidiano de suas relações e atividades.

Referências

APEB-Arquivo Público da Bahia. **Correspondência do Inglês Carlos Frase para o Governador da Capitania da Bahia.** Colonial e Provincial, Registro de Correspondências Recebidas, maço 219 (08/06/1811).

BARBARD, Alan; SPANCER, Jonathan. **Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology**. London. New York: Routledge, 1996.

CANCELA, Cristina Donza; SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da; MACHADO, Almires. Caminhos de uma Pesquisa acerca da Sexualidade em Aldeias Indígenas no Mato Grosso do Sul. In: **Revista de Antropologia**. São Paulo: USP, v. 53, n°. 1, 2010.

CANDAU, V.. Interculturalidade e Educação Escolar. In: CANDAU, V.. (Org.). **Reinventar a Escola**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

EMMERICH, Charlotte & MONSERRAT, Ruth. Sobre os Aimorés, Krens e Botocudos: novas lingüísticas. In: **Boletim do Museu do Índio**. Antropologia, n°. 3. Rio de Janeiro, 1975.

FLEURI, R.. **Multiculturalismo e Interculturalismo nos Processos Educacionais. Ensinar e Aprender: sujeitos, saberes e pesquisa**. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (Endipe). Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. **Os “Índios do Descobrimento”**: tradição e turismo. Rio de Janeiro: UFRJ/MN/PPGAS, (Tese de Doutorado), 1999.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem**. (Tradução de Francisco M. Guimarães). Petrópolis: Vozes, 1973.

MOTT, Luiz. Etno- História da Homossexualidade na América Latina. In: **História em Revista**. Pelotas, v. 4, p. 7- 35, 1998.

SILVA, Paulo de Tássio Borges da. **A Educação Escolar Indígena no Processo de Revitalização Cultural Pataxó na Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê.** Teixeira de Freitas- BA: UNEB, (Monografia de Graduação), 2009.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso:** a homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade. 2 ed.. São Paulo: Max Limonad, 1986.